

reportagem, quando conseguiu a sua indenização junto ao governo, em 2004. Abelardo também descreveu o **capitão Romariz**, que comandava então o 30º. BIMtz de Apucarana, como homem truculento. “Uma vez ele veio aqui em minha casa para me interrogar. Estava num carro com o motorista e um rapaz que havia sido barbaramente espancado. Trouxeram o rapaz certamente como forma de me intimidar”, relata.

O 30º. BIMtz tinha um número considerável de informantes espalhados por toda a região. Parceiro da repressão, o “dedo-duro” estava em todas as camadas sociais. Nos arquivos da Dops, em Curitiba, foram encontrados nomes de delatores. Em Arapongas, chegou-se a expedir documento de identificação a esses parceiros. Era o “dedo-duro” de carteirinha. O documento dava direito a portar arma.

Sobre o dedo-duro, afirma João Alberto Einecke, outro “freguês assíduo” do 30º. BIMtz à época, em depoimento a Lúcio Horta: “Vou te falar uma coisa: se um dia eu tiver de apertar a mão de um torturador ou de um delator, dedo-duro, eu aperto a mão do torturador. O dedo-duro é uma figura nojenta, asquerosa, nefasta. Ele conversa com você, te abraça, você vira as costas e ele te denuncia”.

Os presos políticos são unânimes em afirmar que muitas pessoas foram denunciadas injustamente, sem ter qualquer envolvimento contra a ditadura. “O dedo-duro não ganhava nada. Era só o prazer de arrebentar com o cara. E às vezes tinha uma inimizade pessoal com o cara e usava o expediente de dizer que o sujeito era subversivo”, finaliza.

União indenizou ex-prefeito pelos crimes da ditadura

Abelardo foi indenizado pela União por crimes cometidos contra ele e sua família durante a ditadura militar. O direito à indenização foi reconhecido em 2004 pelo Ministério da Justiça, depois de apreciação do processo impetrado pelo ex-prefeito em 2002. “Foi uma conquista importante não só para o Abelardo, mas para todos nós, que somos seus amigos, que conhecemos o seu perfil e a sua integridade como médico, homem público e ser humano”, afirmou ontem o deputado federal Luiz Carlos Hauy (PSDB), que vinha acompanhando pessoalmente o trâmite do processo há cerca de um ano.

“Esta notícia surge num momento que considero importante, quando o golpe militar faz 40 anos, num convite à sociedade para uma reflexão sobre a democracia e a situação do Brasil”, disse o ex-prefeito à época. “Não fixei quantia no processo, nem seria capaz de fazê-lo. O importante, neste momento, é o reconhecimento oficial do governo a toda a arbitrariedade que aconteceu naqueles anos”, salienta.

Preso em 1974 pelo Exército, depois de voltar de um auto-exílio em Londres com a esposa, Nitis Jacon (à frente do Teatro Guaíra, quando da notícia da indenização), e três filhos, Abelardo afirma que também entrou com processo contra o Estado do Paraná, aproveitando lei de autoria do ex-deputado estadual Beto Richa. “Quem fez a minha prisão foi o Exército, mas num órgão estadual, o que me dá o direito de também exigir o reconhecimento oficial do Estado pelas arbitrariedades praticadas”, assinala. Exercendo ainda hoje a Medicina, Abelardo afirma que os “anos de chumbo”, como ficou conhecido o período marcado pela ditadura militar (1964-1985), interrompeu reformas sociais importantes no País. “A reforma agrária, o fortalecimento das universidades e melhores condições para as famílias que vivem no campo são alguns exemplos de avanços que ficaram suspensos durante 40 anos e que agora estão voltando ao debate, mas com grandes dificuldades”, avaliou.

A principal acusação do regime militar contra Abelardo de Araújo Moreira era o de que tinha estreitas ligações com o Partido Comunista. Passados tantos anos, Abelardo ria quando questionado a respeito. “Nunca fui filiado ao Partido Comunista. O que tinha – e tenho até hoje – é simpatia pelo socialismo”, observa. Abelardo conta que no início da década de 70 o cerco estava se fechando contra pessoas de Arapongas e região que os militares suspeitavam de subversão. “As pessoas estavam sendo presas, torturadas e até mortas. Era coisa que vinha acontecendo desde 64, mas que atingiu um nível absurdo no começo da década de 70”, destacava.

Ele lembrou que sua esposa, a diretora de teatro Nitis Jacon, já havia sido expulsa da faculdade como subversiva e que as peças que dirigia viviam sob censura. “Era uma paranóia toda. Em 1974, decidi partir com a família para Londres, onde ficamos de 1974 a 1975”, afirma o ex-prefeito. Segundo ele, os anos em Londres foram difíceis, pois não tinha como exercer a profissão e as despesas, com mulher e três filhos, eram grandes. Ao voltar, recebeu, num sábado, a visita do famigerado **capitão Romariz**, que atuava no 30º BIMtz de Apucarana e comandava a repressão aos “inimigos do regime” em toda a região. “Ele chegou acompanhado por um japonês e mais três homens e disse que eu estava sendo levado para interrogatório. Passei a noite preso numa cela do quartel, em Apucarana, e fui levado para Curitiba, no dia seguinte, trancado num porta-malas”, afirma. Em Curitiba, Abelardo passou por outro quartel do Exército, pelo Dops e finalmente pela Polícia Militar. Ficou preso por cerca de um mês e meio. “O processo terminou no dia em que mataram em São Paulo o jornalista Wladimir Herzog. A repercussão foi tão rápida e negativa para o regime que todo o pessoal paulista, espalhado para fazer interrogatórios pelo País, acabou recolhido”, recorda-se o ex-prefeito. Na sua opinião, as conseqüências para os presos naquele momento poderiam ter sido muito mais trágicas, não fosse a morte de Herzog e seus desdobramentos. “De certa forma, ele foi um mártir que freou todo aquele processo de barbárie”, argumenta.

De volta à liberdade, Abelardo foi afastado da direção de hospitais em Arapongas e Rolândia e descredenciado do Inamps, por obra do governo militar. (Arapongas Total)

Comentários

Jandira em 7 de Setembro: “Banho” dos estudante na avenida gera protestos nas redes sociais
mikaella em Polícia procura homem que esfaqueou e matou ex-sogra; família agora teme pela vida da ex-esposa
Adelaide em Chuvas cancelam desfile de 7 de setembro
Paulão em Bandidos furtam malote de mercado no Padre Chico
Juliana em Semana da Pátria será marcada com várias atividades em Arapongas
renato luiz da fonseca em Boca no Trombone: faça valer sua voz
Ademar Ferreira em Deficiente leva multa da Guarda Municipal e põe a boca no trombone no Youtube
João Carlos em Deficiente leva multa da Guarda Municipal e põe a boca no trombone no Youtube

Parceiros

- Blog do Berimbau
- Portal Agora

Publicidade



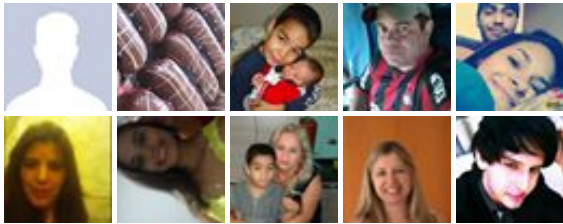
Encontre-nos no Facebook



Noticiário Arapongas Total

Curtir

5.653 pessoas curtiram [Noticiário Arapongas Total](#).



Plug-in social do Facebook

Curtir 13 pessoas curtiram isso.



3 comentários »

3 respostas

Artur C. Simms disse:

5 de agosto de 2013 às 17:09



Grande Abelardo deixou saudades. Ele e a Nitis também tem uma bela história de resistência à ditadura e de comprometimento com a saúde, a cultura e a democracia.

Responder

Pica-Pau disse:

6 de agosto de 2013 às 22:16



Em Arapongas havia pessoas que combatiam a ditadura militar. Mas havia outras que eram cúmplices dessa mesma ditadura. Aquelas têm hoje o reconhecimento da sociedade pela luta em defesa dos direitos democráticos. Já os cúmplices dos governos autoritários – de quem sabemos nomes e sobrenomes – carregam o repúdio de quem não quer a volta do Brasil sob o controle de ditadores.

Responder

Carlos Marques disse:

7 de agosto de 2013 às 18:18



O capitão Romariz é citado no depoimento do dr. Abelardo. Perguntar não ofende: quem eram os amigos do capitão Romariz em Arapongas? Até hoje, em algumas rodinhas de amigos, dizem que o capitão Ismar Moura Romariz era assíduo frequentador de uns poucos endereços da Cidade dos Passarinhos...

Responder

Deixe um comentário

Nome *

Email *

Site

Seu comentário

Enviar comentário

